



Universidade Federal do Pará – UFPA  
Instituto de Letras e Comunicação – ILC  
Faculdade de Comunicação – Facom  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

ROBERTA CARTÁGENES DA COSTA

**“O AMOR É NECESSÁRIO ÀS MULHERES COMO A FLOR É NECESSÁRIA ÀS ABELHAS”:** uma análise do discurso amoroso nas revistas paraenses do século XIX

BELÉM

2025



## AGRADECIMENTOS

Se eu estou aqui, falando sobre o amor, é porque muitas pessoas permearam meu caminho com os mais amorosos corações, e eu devo todo esse percurso à elas.

Primeiro, à minha mãe, que é minha maior apoiadora, que me consolou e me amou de forma incondicional em todo esse processo. Mãe, sem você eu não seria quem sou, e não chegaria até aqui. És a minha maior força, obrigada por ser tudo isso que és. Obrigada pelos conselhos, pelo consolo, pelos cafés da manhã de domingo, que viram almoço de tanta conversa, e pela potência desse amor maravilhoso. Eu te amo infinitamente.

Ao meu pai, que não mede esforços para me apoiar e amar. Obrigada por construir um caminho seguro, que me fez chegar até aqui. Nada disso seria possível se não tivesse o seu amor. Te amo demais, paizinho.

À minha irmã, que é parte fundamental do meu coração. Bia, nada no mundo é melhor do que ser sua irmã, e poder contar com a grandeza que és é um privilégio sem tamanho. Obrigada pelo apoio, incentivo, pelo ombro para chorar e pelas risadas sem fim. Tudo faz sentido se tem você por perto. Te amo mais do que consigo dizer.

Aos meus avós, Selma, Argentino, Iracema e Chico, que são a gênese e a representação de todo o amor que a nossa família emana. Obrigada pelas tardes despreziosas e cheias de afeto. Não tem nada melhor no mundo do que amor de avós, e eu sou a pessoa mais sortuda do mundo por poder sentir isso.

Ao meu amor, Thiago, que construiu essa jornada junto comigo do início. Obrigada por ser meu parceiro, e sempre acreditar em mim. Seu amor me faz mais forte, e chegar até aqui com a sua companhia é um privilégio sem fim. Obrigada pelas milhares sessões de cinema, tardes de pôr-do-sol e risadas sinceras. Te amo muito, meu amor!

Aos meus amigos de uma vida inteira, Isabel, Henrique, Yuri e Juliana. Obrigada pelas noites de filme e pizza, por me ouvirem e aconselharem desde sempre. Eu não lembro como era a vida sem vocês, e eu me sinto muito sortuda por isso. Amo vocês demais.

Às minhas amigas de faculdade, que me presentearam com uma relação leve e feliz, mesmo diante das turbulências que a graduação nos traz. Em especial, às amigas que estiveram comigo desde o primeiríssimo semestre: Amanda, Lívia e Giovanna. Eu não estaria aqui sem vocês. Obrigada por serem inspiração, amor e crises de riso diárias. Amo vocês!

Às minhas tão amadas amigas da dança, que, mesmo em um momento tão difícil, não medem esforços para que nossas vitórias sejam grandemente celebradas. Vocês fazem jus ao “força, força, força, raça, raça, raça” tão característico do nosso dançar. Nosso coração dança em conjunto sempre.

À minha banca, os professores Jessé Santa Brígida e Leticia Matheus. Vocês fazem parte da minha jornada acadêmica, e é uma honra poder contar com suas contribuições. Agradeço por terem aceitado me conduzir com tamanha generosidade durante vários momentos da minha graduação. Muito obrigada!

À minha orientadora, professora Netília, que acreditou em mim e no meu trabalho desde o início. Obrigada por me conduzir à iniciação científica com tanta generosidade e amor. Devo este trabalho, e tantas outras experiências maravilhosas que tive nesses três anos, a você. Muito obrigada!

Dedico esse momento, em especial, à Roseane Lopes, a quem gostaria muito de contar sobre essa conquista. Obrigada por me mostrar a magia da dança.

Nem se eu escrevesse mil páginas seria o suficiente para agradecer o tanto de amor e de felicidade que sinto ao chegar até aqui. Defender meu TCC em Jornalismo é um sonho infantil, e realizá-lo é uma sensação indescritível. Muito obrigada!!



*“O amor é tudo, todas as coisas, nosso verdadeiro destino.” (bell hooks)*

## **“O AMOR É NECESSÁRIO ÀS MULHERES COMO A FLOR É NECESSÁRIA ÀS ABELHAS”:** uma análise do discurso amoroso nas revistas paraenses do século XIX

Roberta Cartágenes da Costa<sup>1</sup>

Universidade Federal do Pará – UFPA  
Instituto de Letras e Comunicação – ILC  
Faculdade de Comunicação – Facom  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

### **RESUMO**

O trabalho<sup>2</sup> propôs uma análise do discurso sobre o amor romântico em revistas paraenses publicadas no século XIX a partir da compreensão dos sentidos produzidos em oito textos de seis revistas sobre o tema. O percurso da pesquisa foi constituído por três momentos: a contextualização da imprensa paraense no século XIX, o entendimento de amor para este estudo e a análise dos textos encontrados sobre a temática. A pesquisa se caracteriza como estudo documental, bibliográfico, e utiliza a Análise do Discurso na vertente francesa para compreender os sentidos produzidos no discurso sobre o amor romântico. O estudo identificou duas formações discursivas que produziram sentido sobre o amor romântico. Na primeira, observou-se a conceituação do amor segundo a perspectiva social do século XIX, que relaciona a sentimentalidade como parte fundamental dos relacionamentos amorosos. Na segunda, foram identificados os sentidos do amor frente ao papel do gênero, ou como a mulher se relacionava, ou deveria se relacionar, com o amor, de modo a ser exemplar e dedicada ao matrimônio. Há, na formação discursiva 2, uma exceção: uma mulher fala sobre seu amor a outra mulher.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Discurso amoroso; revistas paraenses; século XIX; história da mídia; Pará.

---

<sup>1</sup> Bolsista PIBIC/ UFPA, junto ao projeto “Meios de comunicação no Pará em perspectiva histórica: entre memórias e sentidos”.

<sup>2</sup> Estudo integrante do projeto de pesquisa “Meios de comunicação no Pará em perspectiva histórica: entre memórias e sentidos”, desenvolvido na Universidade Federal do Pará (UFPA), sob coordenação da professora Netília Silva dos Anjos Seixas.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise do discurso sobre o amor romântico nas revistas que circularam no Pará durante o século XIX. Tucherman (2019) pontua que a história do amor é também a história da cultura e da sociedade, e é nesse sentido que esta pesquisa considera a relevância do amor para o estudo. Ao analisar o discurso sobre o amor romântico, pretende-se responder à pergunta: como o amor romântico foi apresentado nas revistas paraenses que circularam no período de 1873 a 1900? Tendo isso em mente, este trabalho tem como principal objetivo identificar como discurso sobre o amor romântico aparece nas revistas paraenses do século XIX. A partir dessa perspectiva, pode-se desenvolver considerações sobre os papéis de gênero na sociedade, e como as relações amorosas construíram o imaginário da mulher e do homem no século XIX. Além disso, é possível compreender como a sociedade discutia o amor naquela época.

A pesquisa parte da hipótese de que o registro dos discursos sobre o amor nas revistas revela como a sociedade lidava com o amor, e como as relações sociais eram constituídas a partir desse sentimento, principalmente no aspecto dos papéis de gênero na Belém da *belle époque* amazônica, que é o período do auge da economia da borracha em Belém e em Manaus (Coelho, 2016). Como consequência observou-se um grande investimento de capital na região, causando grandes transformações culturais, arquitetônicas, intelectuais, entre outros aspectos importantes da sociedade.

Para Barbosa (2004), ao analisar e registrar a história da imprensa no Brasil, necessário considerar que esse é um processo complexo, que envolve variáveis sociais, políticas e econômicas, e que são refletidas nos discursos veiculados nos periódicos no período analisado. Segundo a autora, o conteúdo veiculado nos jornais e revistas indica “habilidades e os códigos que o público partilha” (Barbosa, 2010, p. 63), além de hábitos e práticas transparecidos nos discursos registrados.

Por mais significativo que o estudo do amor seja para o campo comunicacional e para a sociedade, pouco se aprofunda na academia sobre como ele se manifesta nos periódicos, segundo uma observação assistemática deste trabalho. Quando se contextualiza no recorte do século XIX no estado do Pará, a temática é ainda menos explorada. A escolha das revistas como objeto de estudo se justifica pelo que Martins (2003, p. 60) entende desses materiais como “instantâneos reveladores de processos históricos”, diante da variedade imagética,

temática e textual que as revistas apresentam, o que fornece um rico acervo para o estudo do passado.

## 2. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Para estruturar os caminhos metodológicos da pesquisa, foi proposto um estudo qualitativo, de caráter documental, bibliográfico e descritivo, além da Análise do Discurso de vertente francesa como guia metodológico para observação dos sentidos do discurso. Visando compreender alguns vestígios do discurso amoroso na sociedade paraense do século XIX, foi necessário, em primeiro lugar, realizar um levantamento documental dos textos em revistas selecionadas para o estudo. Após o levantamento, o discurso sobre o amor romântico foi identificado e contextualizado, a fim de entender como o amor aparecia nesses periódicos. Camargo (1971) compreende que os conteúdos veiculados nos periódicos são um vislumbre do pensamento da época.

Segundo Yin (2016), a pesquisa qualitativa pode ser definida por algumas características e, dentre elas, pode-se citar o uso de múltiplas fontes para a coleta de dados. Além disso, evidencia-se o estudo do contexto em que as pessoas vivem (Yin, 2016). Esta pesquisa é qualitativa pois abrange ambas características, diante do estudo das revistas como fontes para coleta dos dados, além do contexto da Belém do século XIX ser fundamental para compreensão do discurso sobre o amor romântico.

A pesquisa de caráter documental é definida por Moreira (2005) como um dos principais meios para o estudo com bases documentais, que, neste caso, são os periódicos. O trabalho documental visa a um aprofundamento do material estudado para fins específicos (Moreira, 2005). A pesquisa de caráter documental prevê os seguintes percursos: busca pelas fontes documentais, caracterização e descrição de documentos, análise e apuração de dados (Moreira, 2005). Nesse sentido, o estudo fez a busca por revistas paraenses que circularam no século XIX disponíveis para consulta em acervos públicos. Foram encontradas 19 revistas entre 1873 e 1900 nos acervos da Biblioteca Pública Arthur Vianna, do Museu e do Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional. O detalhamento dos títulos em cada acervo está descrito no Quadro 1.

Quadro 1 - Títulos de revistas paraenses do século XIX e seus respectivos acervos

TÍTULO	ACERVO	TÍTULO	ACERVO
A Flammígera (1873 - ?)	Biblioteca Nacional/ Biblioteca Pública Arthur Vianna	Revista Estudantina (1890 - ?)	Biblioteca Pública Arthur Vianna
A America (1879 - ?)	Biblioteca Nacional/ Biblioteca Pública Arthur Vianna	Revista da Sociedade de Estudos Paraenses (1894)	Biblioteca Pública Arthur Vianna
O Equador (1879 - ?)	Biblioteca Nacional/ Biblioteca Pública Arthur Vianna	O Mosquito (1895)	Museu da Universidade Federal do Pará
O Estafeta (1879 - ?)	Museu da Universidade Federal do Pará	Epocha (1895 - ?)	Biblioteca Pública Arthur Vianna
Revista Amazônica (1883 - ?)	Biblioteca Pública Arthur Vianna	A Palavra (1895 - ?)	Biblioteca Nacional/ Biblioteca Pública Arthur Vianna
Revista Familiar (1883)	Biblioteca Pública Arthur Vianna	A Revista (1898)	Centro de Memória da Amazônia
A Semana Ilustrada (1887 - 1888)	Museu da Universidade Federal do Pará	O Anjo do Lar (1898 - ?)	Biblioteca Nacional/ Biblioteca Pública Arthur Vianna
A Semana (1887 - 1890)	Museu da Universidade Federal do Pará	Officina Literária (1899 - 1900)	Biblioteca Nacional
Equador (1888 - ?)	Biblioteca Pública Arthur Vianna	Cenáculo (1900 - ?)	Biblioteca Nacional/ Biblioteca Pública Arthur Vianna
Revista Paraense (1889 - ?)	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro		

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Após a catalogação dos títulos encontrados, foi realizada a busca dos textos que tratavam da temática do amor, encontrados em seis revistas. No acervo da Biblioteca Nacional, foi possível realizar busca pela palavra-chave “amor” e selecionar os textos que estavam no escopo da pesquisa. Nos demais acervos, foi realizada uma leitura das revistas, filtrando os textos que abordavam o amor.

Moreira (2005) afirma que a análise documental necessita de uma apuração teórica paralela, para melhor entendimento do material estudado. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica contribuiu para esse aspecto complementar, ao permitir a construção de um arcabouço teórico para embasamento da análise. Stumpf (2005) expõe a pesquisa bibliográfica como processo fundamental para compreender os trabalhos já realizados na área de estudo, e estabelecer um levantamento das teorias que embasam o caminho de pesquisa. O processo bibliográfico é importante também para localizar a utilização de instrumentos, procedimentos e conceitos-chave na área, como forma de promover um enriquecimento à pesquisa.

Neste estudo, a construção da história da imprensa paraense no século XIX tem como referência o conceito de história cultural da imprensa de Barbosa (2004), que consiste na compreensão para além de apenas um registro dos periódicos, abrangendo toda a cultura e o contexto político-social que acompanha esses materiais. Em complementaridade, Matheus (2010) desenvolve uma análise sobre a relação do tempo com a comunicação, e a percepção de historicização a partir dos jornais. Diante disso, é possível estabelecer uma discussão com base nos periódicos sobre uma parcela da sociedade do século XIX. Mostra-se, então, fundamental compreender e explorar as pesquisas realizadas sobre o acervo de imprensa do século XIX no estado do Pará, para melhor fundamentação da pesquisa.

Além disso, Seixas e Brígida (2019) contribuem com a percepção e análise dos periódicos paraenses do século XIX como zonas de contatos da memória. Os jornais e as revistas são locais de encontro entre sentidos e memórias, que envolvem um diálogo entre enunciadore e destinatários como sujeitos discursivos (Seixas; Brígida, 2019). Essa percepção contribui para a compreensão do discurso amoroso nas revistas no que diz respeito ao diálogo entre os sujeitos envolvidos no discurso.

Outros estudos que abordam as revistas e sua história na imprensa também são importantes a serem considerados. Martins (2003) é uma referência no estudo das revistas em âmbito nacional, ao compreender esses materiais como importante fonte histórica. Costa (2007) desenvolveu um trabalho para contribuir no registro da história das revistas no Brasil e a complexidade social que permeava a construção dos periódicos no século XIX. Baptista e Abreu (2010) registraram uma trajetória das revistas no Brasil, desde a primeira publicação conhecida, em 1812, na Bahia, até a década de 1990, estabelecendo essa relação de importância histórica das revistas no país.

Na perspectiva do estudo das revistas no século XIX do Pará, algumas pesquisas se destacam como referência deste trabalho. Nunes, Brígida, Costa e Seixas (2012) detalharam as revistas que circularam no Pará no século XIX, a partir da consulta do acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Rodrigues e Seixas (2019) ampliaram temporalmente o levantamento quantitativo das revistas, abrangendo as décadas de 1820 a 1970 no Pará, em três acervos brasileiros, o que é um importante parâmetro para a análise periódica do estudo. Costa e Seixas (2024) atualizaram o levantamento ao adicionar quatro acervos - Museu e Centro de Memória da Amazônia da Universidade Federal do Pará, Biblioteca Nacional e Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro - à pesquisa de Nunes, Brígida, Costa e Seixas (2012), entre 1873 e 1900, com o intuito de contribuir para o preenchimento das lacunas da história das revistas no Pará.

Para conceituar amor, a pesquisa se debruçou sobre as reflexões filosóficas do sentimento, a partir de Platão (2001), Simmel (1993) e Schopenhauer (2000), autores bases para o entendimento das relações sociais amorosas nesta pesquisa. O estudo tem como referência o papel do amor dentro da comunicação e das relações sociais, algo que Luhmann (1991), Tucherman (2019) e Moraes (2023) abordam. A relação do amor e da comunicação é um dos pilares da pesquisa, e é desenvolvida no tópico teórico sobre o amor.

Por fim, a Análise do Discurso na vertente francesa é compreendida como caminho metodológico para análise do discurso sobre o amor romântico na pesquisa. Gregolin (1995) afirma que, por meio da AD, é possível realizar uma análise interna e externa do objeto textual em questão, compreendendo o que o texto diz, como diz e por que diz. Orlandi (2005) aponta que a AD não considera a linguagem transparente. Ou seja, é necessário compreender para além do que é dito, e aprofundar o contexto no qual o discurso está inserido.

É importante destacar o conceito de discurso utilizado para a pesquisa. Gregolin (1995, p. 17) entende o discurso como “um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu”. A partir dessa percepção, é possível diferenciar o texto, como item concreto, do discurso, como suporte abstrato, e aprofundar o mapeamento de sentidos do discurso.

Benetti (2010) considera que, ao realizar o mapeamento de sentidos, é possível compreender as formações ideológicas que constituem o discurso. Gregolin (1995) explica que a formação ideológica é uma determinação em última instância da linguagem, e faz referência a uma maneira como representa a ordem social. Ou seja, nesta pesquisa,

considera-se importante a identificação da formação ideológica como guias do discurso sobre o amor romântico, revelando as perspectivas do século XIX sobre a temática.

O percurso da pesquisa é constituído de três momentos: a contextualização da imprensa paraense no século XIX, a conceituação de amor para este estudo e a análise dos discursos amorosos nas revistas paraenses do século XIX. O trabalho é dividido entre levantamento de informações, classificação do material e análise dos discursos.

### 3. A IMPRENSA NO PARÁ DO SÉCULO XIX

A imprensa no Pará iniciou em 22 de maio de 1822, com o jornal *O Paraense*, idealizado por Felipe Patroni (Brígida; Seixas, 2012). De cunho majoritariamente político, o jornal de quatro páginas circulou em Belém até fevereiro de 1823, sendo sua trajetória fortemente influenciada pelo Movimento Vintista Português<sup>3</sup> e pelos ideais de liberdade da imprensa (Seixas, 2011). Seixas (2011) afirma que, com a inspiração d'*O Paraense*, outros jornais foram criados no Pará, todos com vertentes políticas. Com o surgimento de novas tipografias na região, foi possível ampliar o número de periódicos que circulavam, com a possibilidade de impressão de jornais, revistas, almanaques, boletins, entre outros (Brígida; Seixas, 2012).

Os jornais do período tinham como uma de suas características a efemeridade. Segundo Seixas (2011), os periódicos circulavam por pouco tempo e possuíam poucas edições. Porém, embora efêmeros, o período do início do século XIX, a partir da década de 1830, mostrou o começo do estabelecimento da imprensa na capital paraense, com um número crescente de periódicos em circulação (Seixas, 2011). Até a primeira metade do século XIX, os jornais tinham como principal guia a temática política, sendo utilizados para disseminação de vertentes ideológicas (Velo, 2009).

A partir de 1850 e 1860, o cenário da imprensa mudou na capital paraense. Nessa década, deu-se início ao processo que ficou conhecido como *belle époque* amazônica, o auge da economia da borracha na região (Coelho, 2016). Segundo Coelho (2016), quanto mais a borracha era considerada valiosa no mercado do final do século XIX, a Amazônia era inserida nos centros hegemônicos financeiros e industriais. Essa projeção desencadeou em

---

<sup>3</sup> Segundo Velo (2009), o Movimento Vintista foi uma revolução liberal e constitucionalista portuguesa de 1820, que promoveu e regulou a liberdade de imprensa em Portugal e que defendeu a extensão desses direitos para os cidadãos das colônias.

Belém uma profunda transformação arquitetônica, cultural, intelectual, estética e de sociabilidades, tendo como referência os espaços dominantes burgueses, representados por Paris e Viena (Coelho, 2011).

Brígida e Seixas (2012) consideram o ciclo da borracha entre 1879 e 1912 um momento de grande investimento de capital na região, o que propiciou o surgimento de periódicos variados e ricos em conteúdos, diferentes daqueles que abordavam somente as vertentes políticas. Segundo o levantamento realizado pelos autores, nas décadas de 1881 e 1891 surgiram 281 impressos, um número expressivo para o período. Com o capital da borracha, não apenas o número de periódicos teve um crescimento exponencial, mas também o número de tipografias (Brígida; Seixas, 2012), o que facilitou o processo de impressão dos jornais.

As revistas, assim como os jornais, não ficaram de fora do processo de construção da sociedade paraense no século XIX. Martins (2003) compreende que as revistas fornecem um rico panorama histórico de onde elas estão inseridas, principalmente em razão da diversidade de componentes disponíveis para análise, como textos, imagens e propagandas.

No Brasil, a trajetória das revistas iniciou com a publicação d'*As Variedades ou Ensaio de Literatura*, em 1812, na cidade de Salvador (Baptista; Abreu, 2010). As publicações de revistas no país foram graduais (Costa, 2007) e o estudo sobre elas também está em desenvolvimento.

No Pará, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas sobre a história das revistas. Não há indícios ainda da primeira revista lançada no Pará. A revista mais antiga disponível nos acervos consultados é *A Flammígera*, de 1873, que registrava assuntos sobre a Maçonaria em Belém. As revistas que circularam no século XIX no Pará abordavam assuntos variados, como política, moda, conhecimentos e até conteúdo militarista. A amplitude de conteúdos veiculados nas revistas paraenses, somados com diferentes gêneros textuais e apoio imagético, tornam esses materiais importantes registros do passado. É nesse sentido que as revistas são objetos desta pesquisa, em que nos revelam pistas sobre o amor do século XIX como parte das relações sociais.

#### 4. AS PERCEPÇÕES SOBRE O AMOR

Conceituar com precisão o amor é uma tarefa que, filosoficamente, é considerada complexa. Neste tópico, serão apresentados alguns conceitos desenvolvidos por filósofos e pesquisadores sobre o amor, para exemplificar a subjetividade da percepção amorosa, e a diversidade de conceituações dos sentimentos ao longo dos anos. Pretende-se também delimitar conceitos-chave para compreender o amor no desenvolvimento deste estudo.

O filósofo Platão foi um dos pensadores do amor. Em sua obra *O Banquete*, Platão (2001) se dedica a explicar o que é o amor, ou o *Eros*. Platão (2001) trabalhou em sua obra uma ideia do amor grego, permeado pela percepção do amor como divindade e como parte da sociedade desde seu início. Para conhecer e entender o amor, é necessário reconhecê-lo entre os deuses mais antigos (Platão, 2001). Platão (2001, p. 6) disse que “o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte”.

Outro autor que se dedicou a explicar o amor foi Schopenhauer (2000), que abordou a concepção de uma manifestação racional, carnal, ligada ao desejo. Segundo Schopenhauer (2000, p. 7), “todo enamorar-se, por mais etéreo que possa parecer, enraiza-se unicamente no impulso sexual mais bem determinado”. Para Silva (2018, p. 189), a percepção de Schopenhauer de amor tem um “traço biologizante”, que é baseado na visão do desejo do amor, e menos aquele refletido como romântico.

Georg Simmel constrói os conceitos de amor de uma perspectiva mais contemporânea. Para Simmel (1993, p. 80), o amor é considerado “uma categoria primordial, não tendo qualquer outro fundamento além de si próprio”. O autor considera que o amor é parte nuclear do viver, que descola da racionalidade. É nesse sentido que Simmel (1993) se mostra como um importante autor para a compreensão do amor na modernidade, sob a visão de uma fluidez inerente ao sentimento e ao humano em sua inserção social. Lopes (2015) destaca que Simmel explora um amor fora das dualidades, como o do amor como divindade e do amor carnal, e da rigidez já trabalhada por outros filósofos anteriormente.

Em somatória aos conceitos filosóficos expostos, percebe-se a necessidade de aproximar o amor da área de pesquisa: a Comunicação. Luhmann (1991) desenvolve uma percepção sobre a sociedade a partir de sistemas sociais, que são elementos que facilitam as relações em coletivo e possibilitam a comunicação. Um dos elementos mediadores desses sistemas sociais é o amor, pois é considerado um dispositivo mediador de relações. Nessa

percepção, o autor não considera o amor apenas um sentimento, mas também um código de comunicação. Como código, Luhmann (1991, p. 14) entende que o amor na sociedade tem como função “possibilitar, cuidar e fomentar o tratamento comunicativo da individualidade”. É por isso que o autor considera o amor como meio de comunicação simbolicamente generalizado.

Essa denominação faz referência à função social do amor como código de comunicação. Para Luhmann (1991), o meio de comunicação simbolicamente generalizado possibilita relações íntimas, e diminui a imprevisibilidade da comunicação. Ou seja, quanto mais complexas as interações sociais são, é por meio do código simbolicamente generalizado que se aumenta as chances de sucesso do vínculo a ser estabelecido. O amor entra como código importante para mediação social e estabelecimento satisfatório da comunicação entre os interlocutores.

Tucherman (2019) também é uma autora importante para a construção e localização do amor diante na sociedade e na comunicação, e dialoga com a percepção de Luhmann (1991). A autora compreende que, na virada do século XIX para o século XX, os sentidos humanos passam a ter uma percepção mais individual. Em outras palavras, dá-se atenção às questões individuais, às experiências vividas pelo “eu”. Essa percepção entra em choque com o desenvolvimento de tecnologias e da urbanidade, onde o individual e o público se confundem (Tucherman, 2019). Esse processo explica parte do que podemos ver nos periódicos do século XIX: a manifestação do amor, dos sentimentos e das experiências individuais e coletivas na sociedade.

Essa noção construída de individualidade e sentimento exposta por Tucherman (2019) ajuda na compreensão do conceito de amor romântico estabelecido na pesquisa. A partir dessa perspectiva, Luhmann (1991) dialoga com a autora ao afirmar que, desde o século XVIII, é desenvolvida uma percepção de amor romântico que vai da paixão ao matrimônio, sendo visto como meio para a consumação do casamento. No século XIX, novas percepções do amor foram construídas na sociedade. Luhmann (1991, p. 189) entende como um momento de “forte isolamento reflexivo do amar”, somado à ideia do paradoxo amoroso, que pode ser bom, assim como pode resultar em desilusão, pode ser solitário ou outras compreensões do discurso amoroso. Nesse contexto, onde a sentimentalidade se sobrepõe à galanteria (Luhmann, 1991), é que a pesquisa se propôs a identificar como o discurso sobre o amor romântico foi apresentado nas revistas paraenses do século XIX.

## 5. O DISCURSO SOBRE O AMOR ROMÂNTICO NAS REVISTAS PARAENSES DO SÉCULO XIX

As revistas paraenses do século XIX que fizeram parte do estudo foram 19. São elas: *A Flammígera* (1873 - ?), *A America* (1879 - ?), *O Equador* (1879-?), *O Estafeta* (1879), *Revista Amazônica* (1883 - ?), *Revista Familiar* (1883), *A Semana Ilustrada* (1887 - 1888), *A Semana* (1887 - 1890), *Equador* (1888-?), *Revista Paraense* (1889 - ?), *Revista Estudantina* (1890 - ?), *Revista da Sociedade de Estudos Paraenses* (1894), *O Mosquito* (1895), *Epocha* (1895 - ?), *A Palavra* (1895 - ?), *A Revista* (1898), *O Anjo do Lar* (1898 - ?), *Officina Literária* (1899 - 1900) e *Cenáculo* (1900 - ?). Os títulos estão distribuídos em cinco acervos já mencionados anteriormente neste trabalho.

Dessas revistas, foram encontrados materiais referentes ao amor em apenas seis. As revistas foram: *A America* (1879 - ?), *Revista Familiar* (1883), *A Semana Ilustrada* (1887 - 1888), *A Semana* (1888 - 1890), *Revista Paraense* (1889 - ?) e *A Revista* (1898).

As revistas no século XIX eram confundidas com os jornais, por não haver uma delimitação clara dos dois tipos de periódicos (Cardoso, 2011). Por isso, neste estudo foram elaborados alguns critérios para identificação nas revistas, como a autodenominação (quando o periódico possui “revista” no nome), a periodicidade (que geralmente era semanal), o tamanho e a abordagem temática, normalmente voltada para um nicho em específico. As revistas eram menores que os jornais (Cardoso, 2011) e possuíam uma variedade de número de páginas, podendo ir de 4 a 50 páginas, segundo a observação deste trabalho.

Para identificar os discursos sobre o amor romântico nas revistas, foram utilizadas duas formas: busca pela palavra-chave “amor” nas revistas hospedadas no acervo digital da Biblioteca Nacional e leitura exploratória das revistas nos demais acervos, que não têm possibilidade de busca.

Os textos, tanto na busca por palavra-chave quanto na leitura, foram identificados a partir dos seguintes critérios: a) uso da palavra “amor”; b) se o texto se referia ao amor romântico, ou seja, aquele relacionado a casamento, namoro, paixão ou relações afins; c) se revelava alguma percepção sobre o amor na sociedade paraense do século XIX; d) se o texto não era de gêneros textuais ficcionais, como contos, poemas, folhetins, etc.. Após a busca, as ocorrências foram catalogadas em uma planilha, com o preenchimento de informações como data e ano da revista, página em que o texto se encontrava e os termos utilizados para conceituar o amor.

A partir da Análise do Discurso, a pesquisa propõe uma compreensão dos sentidos presentes nos discursos sobre o amor romântico. Segundo Benetti (2010), são identificadas na análise sequências discursivas (SD) que compõem determinado discurso e que possuem formações discursivas (FD) que as regulam quanto à produção. Cada formação discursiva representa um núcleo de sentido, que está amarrado a um sentido principal (Benetti, 2010).

Duas formações discursivas foram identificadas na análise. A primeira mostra a sentimentalidade associada ao amor na sociedade, na qual foram observadas quatro sequências discursivas. A segunda formação discursiva localizada na análise produz sentidos sobre o amor e o papel do gênero feminino no século XIX, tendo sido identificadas quatro sequências discursivas.

As quatro sequências discursivas da primeira formação discursiva, expostas no Quadro 2, trazem percepções do amor para a sociedade do século XIX no Pará. Em negrito, estão os termos ou palavras que apontam o caminho para identificação da formação discursiva, algo que Benetti (2010) considera como marcas do sentido nuclear.

Quadro 2 - Sequências discursivas da formação discursiva 1

Sequência discursiva	Revista	Data	Página	Tipo da revista	Formato do texto
“o <b>amor é necessário</b> às mulheres, como a flor é necessária às abelhas”	<i>Revista Familiar</i> , ano 1, n. 2	11 de fevereiro de 1883	p. 7	Variedades	Citação
“o <b>amor que nasce de repente</b> é o que precisa de mais tempo para se curar”	<i>Revista Familiar</i> , ano 1, n. 4	25 de fevereiro de 1883	p. 6	Variedades	Citação
“as pequenas ausências dão <b>vida ao amor</b> ”	<i>Revista Familiar</i> , ano 1, n. 8	25 de março de 1883	p. 7	Variedades	Citação
“ <b>O amor é a linha</b> que a mulher enrola em um carritel. E o carritel é o	<i>Semana Ilustrada</i> , ano 2, n. 7	19 de março de 1888	p. 7	Variedades	Pensamentos

homem que vive sempre enrolado”					
---------------------------------	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na *Revista Familiar*, a “Seção Amena” é uma parte da revista onde eram registrados pequenas afirmações ou pensamentos dos redatores, abordando diversos assuntos. É na “Seção Amena” que há três definições do amor. Na segunda edição da *Revista Familiar*, em 11 de fevereiro de 1883 (Figura 1), utiliza-se para conceituar o amor. Diz-se que “o amor é necessário às mulheres, como a flor é necessária às abelhas” (Seção Amena, 1883, p. 7). Nessa sequência discursiva, o amor é considerado fundamental para as mulheres, assim como para a natureza das abelhas, torna-se vital o papel da flor. Essa relação de existência condicional mostra um pensamento associado à sentimentalidade das mulheres como um dos pilares das relações sociais.

Já na quarta edição, em 25 de fevereiro de 1883 (Figura 2), se diz que “o amor que nasce de repente é o que precisa de mais tempo para se curar” (Seção Amena, 1883, p. 6). Já na edição 8 da revista, em 25 de março de 1883 (Figura 3), recuperou-se a frase do político francês Mirabeau, que diz que “as pequenas ausências dão vida ao amor” (Seção Amena, 1883, p. 7).

Figura 1 - *Revista Familiar*, ano 1, n. 2, 11 fev. 1883, p. 7

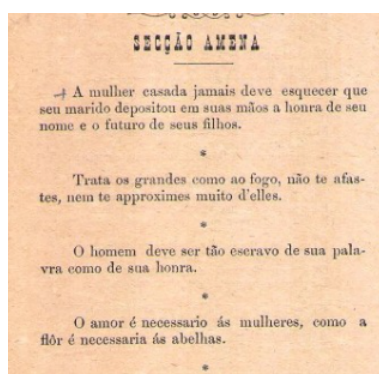


Figura 2 - *Revista Familiar*, ano 1, n. 4, 25 fev. 1883, p. 6

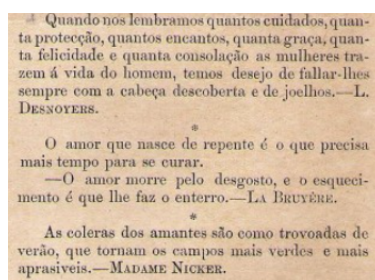
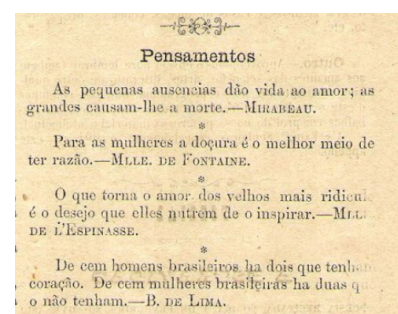


Figura 3 - *Revista Familiar*, ano 1, n. 8, 25 mar. 1883, p. 7

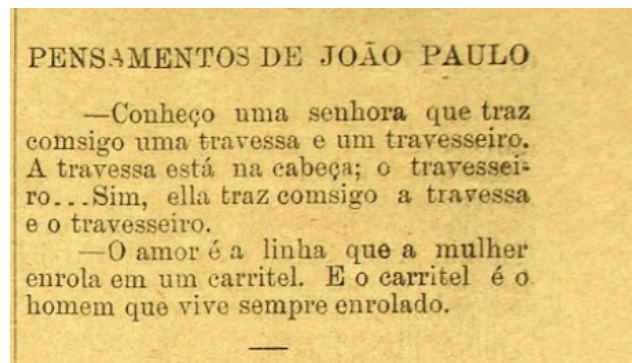


Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Na revista *Semana Ilustrada*, em 19 de março de 1888, edição de número 7, no segundo ano de circulação do periódico, na coluna “Pensamentos de João Paulo”, está a

quarta sequência discursiva, que traz uma afirmação sobre o amor: “O amor é a linha que a mulher enrola em um carritel. E o carritel é o homem que vive sempre enrolado” (Pensamentos de João Paulo, 1888, p. 7).

Figura 4 - *Semana Ilustrada*, ano 2, n. 7, 19 mar. 1888, p. 7



Fonte: Museu da Universidade Federal do Pará.

Para Benetti (2010), compreender os sentidos de uma formação discursiva é adentrar ao contexto anterior e exterior às sequências discursivas, para entender de forma aprofundada como se dá a formação ideológica que determina a produção do discurso. Abreu (2024) compreende que, no século XIX, a percepção do amor e do casamento começou a levar em consideração os aspectos sentimentais, além das classes sociais e o dote oferecido. A primeira formação discursiva mostra os novos ares que a sociedade vislumbrava em relação ao matrimônio e às relações sociais. A valorização do sentimento é um aspecto que aparece nas sequências discursivas, na procura de definir o que é o amor e como ele se manifestava na sociedade do século XIX. Além da valorização da sentimentalidade, a perspectiva de posicionamentos de gênero dentro das relações sociais também aparecem como características dessa formação discursiva, ao afirmar a necessidade do amor às mulheres e a falta de familiaridade dos homens frente ao sentimento.

A segunda formação discursiva traz o sentido do lugar das mulheres frente ao amor no século XIX, com quatro sequências discursivas, expostas no Quadro 3. Assim como na primeira formação discursiva, os termos ou palavras que corroboram para a produção de sentido sobre as mulheres e o amor estão destacados em negrito.

Quadro 3 - Sequências discursivas da formação discursiva 2

Sequência discursiva	Revista	Data	Página	Tipo da revista	Formato do texto
“um dos protagonistas do drama, encaminha um apaixonado de sua mulher e promete dar-lhe os fins necessários e consequentes de <b>seu prodigiosissimo amor</b> , uma carta de recomendação firmada por ele próprio.”	<i>A America</i> , ano 1, n. 4	26 de janeiro de 1879	p. 4	Política	Resenha crítica
“ <b>toda mulher</b> se julga <b>roubada</b> pelo amor que se tem por outra”	<i>A Semana</i> , ano 3, n. 4	20 de maio de 1889	p. 3	Política	Pensamentos
“uma de nós devera ter sido <b>formada homem</b> para ser da outra o que em linguagem vulgar se chama <b>namorado!</b> ”	<i>Revista Paraense</i> , ano 1, n. 3	19 de agosto de 1889	p. 6	Variedades	Relato
“Ides casar, ides <b>entregar o destino de vossas vidas</b> , vosso futuro, as vossas almas a um homem, que será vosso <b>companheiro amoroso</b> e nobre ou o verdugo de vossas ações.”	<i>A Revista</i> , ano 1, n. 2	Fevereiro de 1898	p. 33	Variedades	Crônica

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na revista *A America*, em 26 de janeiro de 1879, em sua quarta edição, a seção “Revista da Semana”, na página 4, faz uma resenha da peça “Virtude e Cynismo” (Figuras 5, 6 e 7), exibida nos teatros de Belém naquele período. O autor, que não foi identificado, diz

que a peça é imoral, pois exhibe um dos personagens encaminhar uma carta de recomendação ao amante de sua própria esposa.

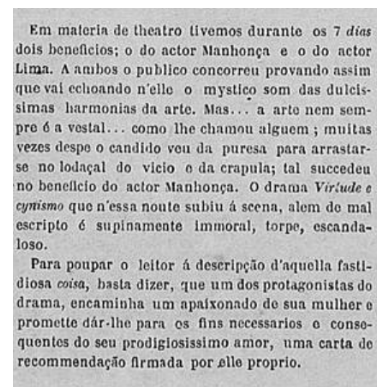
Figura 5 - Capa da revista *A America*, ano 1, n. 4, 26 jan. 1879



Figura 6 - *A America*, ano 1, n. 4, p. 4



Figura 7 - Sequência discursiva 1



Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional.

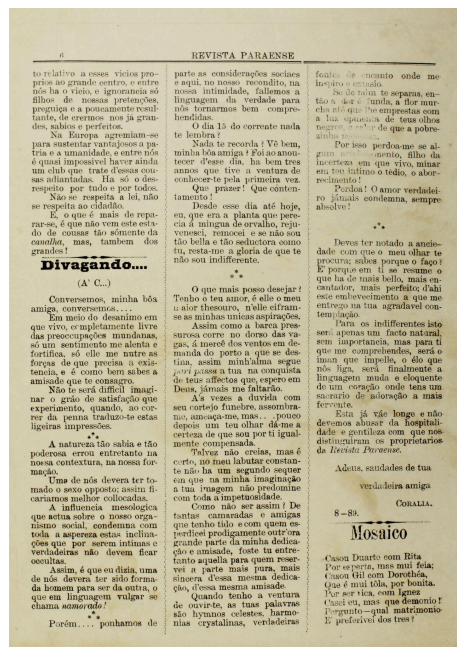
Na revista *A Semana*, no seu terceiro ano de circulação, quarta edição, em 20 de maio de 1889, página 3, a coluna “Sobre as mulheres” compilava uma série de afirmações que caracterizavam o comportamento feminino, sem assinatura de um autor ou autora. Entre elas, a coluna diz que “toda mulher se julga roubada pelo amor que se tem por outra” (Sobre as mulheres, 1889, p. 3), ou seja, sempre haveria uma disputa entre duas mulheres pelo amor de um homem.

A terceira sequência discursiva da segunda formação discursiva foi selecionada da *Revista Paraense*, terceira edição, em 19 de agosto de 1889, página 6, com o texto “Divagando...” (Figuras 8 e 9), que mostra uma percepção diferente do amor feminino, naquela época. Coralia, autora do relato publicado, declara-se para sua melhor amiga de forma romântica, expressando o desejo que uma delas tivesse nascido de outro sexo para que elas pudessem ser namoradas. Entre frases poéticas e apaixonadas, Coralia conta sobre a transformação que a relação com sua “boa amiga” trouxe para sua vida, e como desejava que a expressão daquele amor fosse possível.

Figura 8 - Capa da Revista Paraense, ano 1, n. 3, 19 ago.1889



Figura 9 - Revista Paraense, ano 1, n. 3, 19 ago.1889, p. 6



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

A quarta sequência da segunda formação discursiva está em *A Revista*, na segunda edição do periódico, em fevereiro de 1898, página 33. O texto “Para as noivas” (Figuras 10, 11 e 12) é direcionado às mulheres prestes a se casar. Os conselhos dados no texto, que ocupa duas páginas da revista, fazem referência ao comportamento exemplar e sagrado que as mulheres deviam exercer no matrimônio. O autor, não identificado, fala sobre a importância do casamento, em que a mulher entregará o destino e o futuro de suas vidas a seu homem. O texto indica que, a partir do casamento, a mulher devia depositar todos os seus sonhos, desejos e esperanças em seu marido, além de outros conselhos sobre o exercício do matrimônio.



Figura 10- Capa da *A Revista*, ano 1, n. 2, fev. 1898

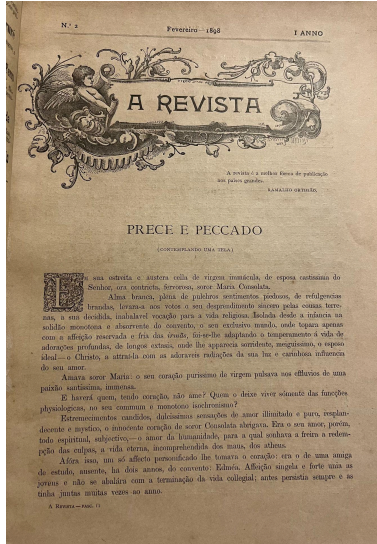


Figura 11 - *A Revista*, ano 1, n. 2, fev. 1898, p. 33

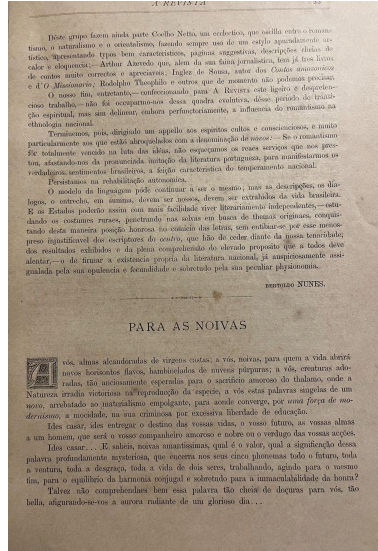
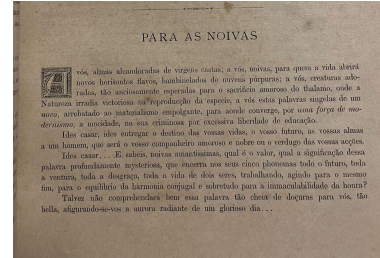


Figura 12 - Texto escolhido na análise da *A Revista*, ano 1, n. 2, fev. 1898, p. 33



Fonte: Centro de Memória da Amazônia, Universidade Federal do Pará.

As sequências que formam a segunda formação discursiva reforçam o papel fundamental feminino na construção do imaginário sobre o amor e o relacionamento na sociedade do século XIX. Vaquinhas (1997, p. 37) afirma que, no século XIX, as mulheres eram destinadas aos espaços privados e às funções reprodutivas, em razão de seu “destino biológico”. Esse era, portanto, o lugar ocupado pelas mulheres no amor e no matrimônio. Textos como “Para as noivas” mostra como esse pensamento era reverberado nos periódicos, registrando um reflexo social e reforçando a responsabilidade feminina frente ao amor e ao casamento.

A segunda formação discursiva traz uma visão que atribui à mulher uma natureza sentimental, como uma necessidade feminina de ter e cultivar o amor. Esta percepção tem fundamento no que Vaquinhas (1997) entende como um modo de afastar as mulheres de atividades relacionadas à racionalidade, como a política ou processos burocráticos. A compreensão de uma tendência sentimental das mulheres tem base em teorias médicas que tentavam provar a fragilidade feminina e a predisposição à maternidade, reunindo aspectos como órgãos mais frágeis e instabilidade de humor (Vaquinhas, 1997). Assim como a medicina no século XIX elaborava teorias para colocar a mulher nesse espaço designado a ela

dentro das relações amorosas, como sentimental, maternal e submisso, os textos veiculados nas revistas também. O modo pelo qual se opta abordar o amor apenas reforça esse papel feminino na sociedade do século XIX, e, em sua maioria, não tem como protagonista a voz das mulheres. Observa-se que a fala predominante é a masculina e sua visão sobre o amor e a posição de gênero dentro dos mecanismos sociais amorosos.

A exceção é o texto veiculado na *Revista Paraense*, em que Coralia, a autora do relato, se declara romanticamente para sua melhor amiga. Em um período em que as relações hegemônicas retratadas nos periódicos eram entre homens e mulheres, a exibição clara e pública de um amor entre duas mulheres é corajosa e revolucionária. No texto, a autora admite uma culpa pelo amor que sente, tanto que deseja ter nascido homem para viver esse sentimento. Essa abordagem expõe como a narrativa do amor entre duas mulheres era raro e minado por um pensamento que levava a crer que era uma relação errada, que não poderia existir. Mesmo diante dessa insegurança, o relato de Coralia eterniza uma relação permeada por afeto e coragem, em uma sociedade que rejeitava sua existência.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a analisar o discurso sobre o amor romântico nas revistas paraenses do século XIX e responder à pergunta: como o amor romântico foi apresentado nas revistas paraenses que circularam no período de 1873 a 1900? O objetivo principal foi identificar como o discurso sobre o amor romântico aparecia nas revistas paraenses do século XIX, a partir do estudo documental das revistas selecionadas para análise, sistematização dos discursos amorosos e sua análise. Discursos que tentavam conceituar e contextualizar o amor foram identificados, o que revela o apontado por Tucherman (2019) como um período mais voltado aos sentimentos mais individuais e complexos frente às transformações sociais da época. Discursos que relacionavam o amor às mulheres se destacaram na análise, expondo um lugar a ser ocupado pelo gênero feminino, principalmente ligados à fragilidade, sentimentalidade e maternidade.

O texto “Divagando...”, publicado na *Revista Paraense*, revela que o discurso sobre o amor romântico pode mostrar outras faces sociais que, normalmente, não são retratadas nos periódicos do século XIX. A falta de representação do amor entre mulheres nas revistas analisadas reflete uma sociedade que proibia a existência desse amor, que era exercido secretamente. O relato de Coralia rompe com as regras sociais do século XIX e mostra que

havia resistência às amarras impostas no período. Há, no texto, uma materialidade do amor, registrado nas revistas, o que reforça a importância dos registros nos periódicos para a posterioridade.

O trabalho procurou contribuir com a análise do discurso sobre o amor romântico nas revistas paraenses do século XIX. Ao optar pelo estudo desses materiais, destaca-se a importância dos registros contidos nas páginas das revistas e as múltiplas possibilidades de conteúdo veiculados no período. A pesquisa ainda explora o assunto em revistas pouco estudadas até o momento, como a *Revista Paraense*, disponível no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro.

O estudo, porém, possui limitações. Os sentidos identificados restringem-se a um recorte social e econômico, referindo-se a uma elite que era letrada, tinha acesso aos jornais e revistas e a possibilidade de se expressar nas páginas dos periódicos. Foram excluídos da análise os discursos literários, aqueles pertencentes a contos, folhetins e poemas, partes importantes dos periódicos do século XIX. Luhmann (1991) compreende que a literatura foi um veículo fundamental para expressão e representação do amor na sociedade e por isso é fundamental que a pesquisa seja ampliada para mais percepções do discurso amoroso ao longo do tempo.

A pesquisa mostrou, dentro de um espaço-tempo determinado, como o amor romântico aparecia nas revistas paraenses do século XIX e como o discurso sobre esse amor era constituído a partir de uma ideologia discursiva. Além de compreender o passado e as questões de uma sociedade temporalmente distante, o discurso sobre o amor romântico do século XIX mostra um caminho para a percepção social do amor e sobre as relações afetivas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas, SP: Ed: UNICAMP/IFCH/CECULT, 2024.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiroz; ABREU, Karen Cristina Kramer. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmento mercado editorial. **Plural**: revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v. s/n, p. 01-23, 2010. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. **Anais** [...]. Santa Catarina, 2004. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1GosB-h1LX8CMgWwTySWJMQlJzKz4WQvJ/view>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X, 2010.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo das vozes e sentidos. *In*: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010. p. 107-122.

BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Os jornais paraenses nas décadas das mudanças. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/r7-0367-1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA. Portos, rotas e comércios, 5., 1971, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 1971. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1544042400\\_c8f091f34b4d5adb536ccb49b73adc74.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1544042400_c8f091f34b4d5adb536ccb49b73adc74.pdf). Acesso em: 10 mar. 2025.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. *In*: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Claudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (org.). **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado**, 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. v. 1, p. 17-40.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da *belle époque* da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Revista Escritos**, [S. l.], n. 5, p. 141-168, 2011. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/handle/20.500.11997/17066>. Acesso em: 19 jul. 2025.

COELHO, Geraldo Mártires. Belém e a *Belle Époque* da borracha. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 32-56, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2891>. Acesso em: 10 jun. 2024.

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 dez. 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-24042009-152705/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

COSTA, Roberta Cartágenes da; SANTA BRÍGIDA, Jessé Andrade; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. As revistas paraenses no início do século XX (1901 a 1950): estudo exploratório e descritivo de três grandes acervos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 14., 2023, Niterói. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2023. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1u2FXxiM94UMVAyJL-kgh81Ap3d135PY\\_/view](https://drive.google.com/file/d/1u2FXxiM94UMVAyJL-kgh81Ap3d135PY_/view). Acesso em: 20 fev. 2025.

COSTA, Roberta Cartágenes da; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Um registro das memórias das revistas paraenses: um panorama do século XIX. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Balneário Camboriú. **Anais [...]**. São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/071820242229566699c194214fd.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2025.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 39, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em: 13 fev. 2025.

LOPES, Vera Serra. O trágico na filosofia do amor de Georg Simmel. **Philosophica**, v. 46, n. 2, p. 53-65, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/25605>. Acesso em: 7 jul. 2025.

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando as páginas revisteiras. **História**, v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742003000100003>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MATHEUS, Leticia Cantarela. Retrospectiva e comemoração: reflexões sobre usos jornalísticos do passado. **Comunicação & Sociedade**, ano 31, n. 53, p. 145-166, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Comunicacao&sociedade/2010/vol31/no53/7.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MORAES, Rafael Vasconcelos Freitas Abreu de. **Discursos amorosos no jornal**: uma análise da coluna Nosso Estranho Amor da Folha de S.Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/22303/1/RMoraes.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

NUNES, Cleonice Viana; BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; COSTA, Rafaella Contente Pereira; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. As revistas paraenses no século XIX. In: ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA E SEMINÁRIO DE HISTÓRIA, CULTURA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA AMAZÔNIA, 2., 2012, Belém. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2012. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FqOm6eL5X4LiNZIR3ZaUVFYCrW9ZK0nM/view>. Acesso em: 18 jun. 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo, SP; Ed: Pontes, 2005.

PENSAMENTOS de João Paulo. **Semana Ilustrada**, Belém, ano 2, n. 7, p. 7, 19 mar. 1888.

PLATÃO. **O banquete**. Domínio Público, 2001. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.

RODRIGUES, Leonardo Santana dos Santos; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Por uma história das revistas no Pará: levantamento nos Acervos da Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública Arthur Vianna e Museu da Universidade Federal do Pará. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 1, 2019, Natal. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1sc-o3Rr4mW1QnMyIbv7PAfC0OXbugvk-/view>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SEÇÃO AMENA. **Revista Familiar**, Belém, ano 1, n. 2, p. 7, 11 fev. 1883.

SEÇÃO AMENA. **Revista Familiar**, Belém, ano 1, n. 4, p. 6-7, 25 fev. 1883.

SEÇÃO AMENA. **Revista Familiar**, Belém, ano 1, n. 8, p. 7, 25 mar. 1883.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Meios de comunicação no Pará em perspectiva histórica**: entre memórias e sentidos. Projeto de pesquisa em andamento. Belém: UFPA, 2024.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Panorama da imprensa em Belém: os jornais de 1822 a 1860. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; LIMA, Regina Lúcia Alves de; AMARAL FILHO, Otacílio (org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Manaus: PPGCCom/UFAM, 2011. p. 225–248. Disponível em: <https://www.ppgccom.ufam.edu.br/attachments/article/418/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Midiaticizada%20na%20Amaz%C3%B4nia.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa. Zona de contatos da memória: impressos do século XIX, Pará, Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 18, n. 32, p. 142 - 152, 2019. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/582>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; RODRIGUES, Leonardo Santana dos Santos. Revista A Semana: uma publicação ilustrada e satírica na Belém do final do século XIX. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 1, p. 148-161, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6062/3551>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SILVA, Luan Corrêa da. Amor sexual e amor compassivo em Schopenhauer. **Kalápatos**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 188–202, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6983229>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SIMMEL, Georg. **Fragmentos sobre o amor e outros textos**. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TUCHERMAN, Ieda. **Arqueologia do discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

VAQUINHAS, Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes. “Miserável e gloriosa”: a imagem ambivalente da mulher no século XIX. In: **Actas do Colóquio promovido pelo Centro de Estudos Camilianos e pela Casa-Museu de Camilo em Vila Nova de Famalicão**. Lisboa: Colibri, 1997. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36590>. Acesso em: 31 jul. 2025.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. A ferro e fogo: conflitos no primeiro século da imprensa paraense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1503-1.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2025.

YIN, Richard. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.